

## A VENEZA POSSÍVEL

---

Claudete Daflon dos Santos

**RESUMO:** A leitura da obra recente de João Gilberto Noll oferece a possibilidade de reflexão sobre o lugar ocupado na literatura por um escritor-viajante de origem latino-americana em tempos de globalização. De um personagem sem nome em trânsito contínuo até o escritor premiado que, graças a um convite, viaja para os grandes centros econômicos e culturais do Ocidente, a narrativa de Noll circula por questões como a constituição de fronteiras nacionais, a polarização centro/periferia, a identidade e o sentimento de pertencimento no contexto contemporâneo. Assim, a figura do escritor-viajante brasileiro, num entrelaçamento evidente de biografia e ficção, permite desenhar a problemática da produção literária nacional numa comunidade internacional em que muitas vezes a equivalência entre as culturas subsiste apenas no discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** narrativa, viagem, identidade nacional, Literatura Brasileira

O debate sobre nação e identidade é central na compreensão do mundo moderno e a forma como isso vem sendo tratado na literatura contemporânea evidencia a dúvida lançada sobre os limites e as divisas entre culturas e nacionalidades: põem-se em xeque “certezas” como a compreensão naturalizada de nação. Conseqüentemente, ser cidadão do mundo seria a expressão por excelência do homem contemporâneo seduzido pelo canto da sireia que lhe oferece possibilidades infinitas em um contexto em que o trânsito é a glória de um mundo integrado pelo comércio internacional ou mesmo pela acolhida do ciberespaço. Essa questão,

no entanto, remete àquela “atração pelo mundo” confessada por Joaquim Nabuco em seu livro de memórias, *Minha formação*, de 1900<sup>1</sup>. Considerar a existência desse mundo era evidenciar o Brasil como país não participante (ou meramente coadjuvante) do palco dos grandes acontecimentos internacionais. Essa compreensão não foi, todavia, exclusiva de Nabuco, Mário de Andrade entendia também que era necessário inserir a pátria brasileira no concerto internacional das nações. Certamente, dentro do projeto modernista marioandradino, essa inserção significou, sobretudo, o reconhecimento (ou construção) da própria existência de uma nação via seu patrimônio cultural, algo que, entretanto, não estava na pauta do pensamento de Joaquim Nabuco. Subsistia, porém, em ambos a mesma idéia de que o Brasil estava, de alguma forma, fora de um “centro” formado por nações fundadas em uma forte tradição.

Diante disso, é compreensível a euforia com que se reveste, por vezes, o discurso que afirma não ser justificada no mundo contemporâneo a preocupação com possíveis diferenças e distâncias entre o que se convencionou denominar como centro e periferia. Tanto otimismo não sobrevive, contudo, a um olhar mais crítico. Não porque se esteja aqui desconsiderando a complexidade das relações internacionais, mas porque se entende que nesse discurso efusivo esconde-se a permanência de fortes relações de dominação e controle. Não é a comunhão igualitária de povos o que tem dado o tom principal ao processo de globalização. Sem dúvida, a permanência de um certo “sentimento” de periferia revela como, na realidade, se situam hoje os conflitos entre fronteiras (mais ou menos diluídas) culturais, econômicas, sociais ou geográficas.

Em face dessas coordenadas, pensar as trocas culturais entre diferentes regiões do mundo a partir da categoria de escritor-viajante pode ser estratégico. Quando a situação do intelectual que produz fora de seu país ou que busca no exterior condições favoráveis à sua produção escrita ganha representação ficcional em narrativas contemporâneas criadas em línguas ou culturas “periféricas”,

a literatura revela-se espaço privilegiado para pensar não apenas a gênese do texto literário como também o lugar ocupado por esse escritor no mundo. As tensões entre biográfico e ficcional apenas acentuam a importância de se compreender como o processo de criação inclui obrigatoriamente o dilema vivido pelo escritor que migra de um país pobre para centros econômicos e culturais.

O desenvolvimento dessa discussão justifica o estudo crítico de obras do escritor brasileiro João Gilberto Noll que dizem respeito à condição do homem contemporâneo lançado quase compulsoriamente ao trânsito permanente, de um lado, e à situação do escritor latino-americano frente ao mundo e à terra natal, de outro. O leitor seria, então, convocado a testemunhar a aliança definitiva entre a radicalização do desterro e o ofício de escritor num processo de revisão do pensamento moderno acerca de identidade e nação.

---

#### TERRA NATAL E IDENTIDADE

---

Partir e voltar parecem ser movimentos naturalmente complementares e remetem a uma tradição de viajantes narradores à maneira como Walter Benjamin observa em seu texto sobre a arte de narrar<sup>2</sup>. Ao denunciar o desaparecimento do narrador no mundo moderno, Benjamin condiciona a sua existência à possibilidade de compartilhar experiências, de modo que o ancião ou o viajante teriam muito o que contar e sua narrativa apresentar-se-ia revestida pela utilidade dos conselhos que encerraria.

Assim, Marco Polo, o viajante veneziano notabilizado também como narrador, encanta Kublai Khan com as maravilhas de seu reino traduzidas nas palavras do mercador enquanto testemunha privilegiada por ter estado lá, ter visto muito e ter tanto a contar. O viajante-narrador, assim configurado, após uma vida de viagens

incessantes cujo começo prematuro havia se dado quando contava ainda com tenros 17 anos, retorna a Veneza já maduro e encontra sua cidade mergulhada em um conflito bélico com a rival Gênova. Uma vez prisioneiro dos genoveses, Polo conta as suas histórias a um companheiro de cela, o Rusticiano de Pisa, que as escreve. A narrativa oral/escrita, que se realiza por um artifício da existência de um mediador (o escriba), nos chega pela escrita embora se constitua verdadeira peça da tradição oral. Leitores transmutados em ouvintes e vice-versa, pela pena de outro, alcançam as palavras do viajante cheio de histórias<sup>3</sup>.

O retorno a Veneza, terra natal do viajante, é o momento propício à narrativa. O encontro com as origens fecha o ciclo das viagens e sedimenta a experiência, a transformação e o crescimento proporcionados pelo distanciamento assim como a possibilidade de troca trazida pelo retorno.

Quando Italo Calvino retoma as viagens do mercador veneziano na construção de *As cidades invisíveis*, livro publicado pela primeira vez em 1972, o escritor italiano, sensível à configuração do modelo da narrativa de viagem, propõe o jogo imaginário fundado na memória. A cada cidade que se construía era notória a existência de uma outra sempre presente: a cidade natal. Veneza onipresente funcionaria como espécie de matriz semântica para a construção de todas as outras cidades. Nas palavras de Renato Cordeiro Gomes: "Todas as cidades, a cidade" (GOMES, 1994).

A memória vinculada a essa cidade primeira permite a operação combinatória infinita do imaginário que confere a cada nova urbe legibilidade. É, portanto, o lugar de nascimento a cidade sempre implícita no encontro com todas as demais.

Compreendendo-se Veneza como cidade natal, portanto, origem e, por conseguinte, matriz semântica, cada viajante teria sua própria Veneza e sua viagem seria um deslocamento de eterno retorno para a cidade de onde, de alguma maneira, nunca houvera partido.

Quando a construção de significados sofre o baque do empobrecimento da memória, da ausência de uma matriz semântica e a própria inexistência de significados a conferir a espaços cada vez mais reduzidos à condição de cenários<sup>4</sup>, voltar à cidade natal pode ser tão despropositado quando narrar experiências e viagens.

#### QUANDO PORTO ALEGRE NÃO É VENEZA

*Rastros de verão*: um narrador-personagem anônimo desce do ônibus em Porto Alegre numa terça-feira de carnaval. A cidade abandonada submete-se ao olhar vago do personagem que procura, ainda que debilmente, sinais de reconhecimento daquela que era a cidade em que nascera. A desolação da cidade abandonada aos restos da folia carnavalesca antecipa o sem-sentido daquele retorno. Afinal, o que um sujeito condenado à impessoalidade e ao transitório de rodoviárias, aeroportos, portos, poderia esperar da cidade de sua infância? Essa volta, porém, surge repleta de promessas que acenam para reencontros, descobertas, histórias...

Nesse livro de 1986, o viajante habituado a espaços de trânsito, *não-lugares* no sentido em que o termo é empregado pelo antropólogo Marc Augé<sup>5</sup>, viveria uma "tensão solitária" caracterizada por relações humanas e espaciais de natureza circunstancial e fugaz. De passagem, o viajante desempenharia papéis que lhe dariam breve identificação, mas não uma identidade, vítima que é de uma compulsão: a de colocar-se indefinidamente em trânsito: "...contei que desde criança eu tive uma coisa assim, de querer fechar os olhos e quando os abrisse estar num outro ambiente, quem sabe uma outra cidade, quem sabe até um outro mundo que eu não tivesse nem imagens para conceber (NOLL, 1977, p. 335).

O que então explicaria tal personagem, que deseja o “corpo existindo para percorrer” (Idem, p. 334), permitir-se um roteiro, ainda que sinuoso, em direção à sua cidade de origem? O corpo permanentemente móvel não seria a evidência da falta da terra que faz da carne o único lar possível do homem? Surpreendentemente, o retorno, a princípio inexplicável, foi a resposta a um apelo. Após receber uma carta informando-lhe que seu pai se encontrava à morte na Santa Casa de Porto Alegre, o personagem vê-se, subitamente, retirado do seu vagar ao acaso. Não resiste ao chamado do pai moribundo.

O encontro prometido entre pai e filho mostra-se, contudo, desde o início, menos simples e viável do que se poderia desejar. A falta de objetividade do personagem ao chegar à cidade é sintomática, visto que desmente de certo modo a razão alegada para a sua volta (não segue diretamente para o hospital onde seu pai estaria, em vez disso perambula pela cidade). No seu deslocamento sem bússola, encontra um garoto com quem estabelece uma relação especular: garoto e narrador formam um duplo, faces de uma mesma moeda que se inter-relacionam. Num desdobramento disso, ao relatar a precariedade de seu relacionamento com o pai, o garoto termina por trazer à tona questões relativas também ao narrador:

O meu pai era um viajante, o garoto disse e eu me senti aliviado. Abandonou a minha mãe quando eu ainda era muito pequeno. Mandou uma carta do Rio e nunca mais mandou notícias. Não tenho na memória nenhuma imagem do meu pai. Rejeitava as fotografias dele que a minha mãe costumava mostrar, simplesmente fingia que olhava mas olhava mesmo era uma outra imagem – alguma coisa como um corpo de homem sem face, o mesmo que um fantasma. Se alguém me perguntar o que eu sinto por esse homem, confesso que pra mim tanto faz que ele exista ou não. Morto, vivo, ou simplesmente uma invenção da minha mãe, nunca mudou como não vai mudar nunca o meu destino. (Idem, p. 329)

Do pai restou apenas o fantasma que, a despeito da afirmação do garoto, interfere, talvez não em seu destino, mas em seus

desejos. Tal qual o protagonista, o garoto, enquanto seu duplo, almeja a vida em trânsito, herdando, de certa forma, a condição paterna de viajante-pai. Assim, o garoto sonha com a vida no mar, essa “terra, sempre em trânsito”: talvez a única solução para a angústia daqueles que não fixam raízes, que vêem a vida em trânsito contínuo como saída em um mundo em que a identidade se esvazia, em que o pai virou um fantasma. Num sonho ele pode surgir, mas o único desfecho verossímil é o que indique uma viagem.

Chega, todavia, o momento que o narrador não pode mais adiar. Segue para a Santa Casa de Misericórdia, mas a cena de um comovente reencontro no leito de morte prenunciada pela carta é completamente frustrada, pois a promessa de *encontro* é inevitavelmente falsa.

Assim que entrei já havia uma mulher de branco na minha frente, me perguntando aonde eu queria ir. Falei o nome do meu pai. O seu dedo começou a escorregar por uma lista com muitos nomes. Outra lista. E mais outra. Nada. Não havia ninguém internado com esse nome.

(...)

Os sinais me diziam que eu tinha caído num emboscada. Que não havia pai nenhum ali na Santa Casa. (Idem, p. 359)

A associação entre o espaço geográfico e a paternidade (cidade natal/pai) seria *a priori* pilar da construção de uma identidade pautada na determinação de origens e ascendências. O desmoronamento da família patriarcal e o esvaziamento semântico da terra natal geram uma crise de pertencimento que aponta como única saída a viagem infundável. A frustração do encontro com o pai solidifica a vida em trânsito, a desidentidade.

O romance publicado logo após a *Rastros de verão*, *Hotel Atlântico* (1989), levará à radicalização a negativa do retorno às origens. O protagonista que, mais uma vez, não tem destino e vive a necessidade do trânsito que liberta, ainda que momentaneamente,

de seu exílio existencial, reconhece secamente a impossibilidade do encontro. Não há mais Porto Alegre.

Em *A céu aberto*, publicado em 1996, a figura paterna assume novamente posição de destaque nas relações do personagem com a sua identidade. Todavia, entra em jogo também uma figura mediadora na ligação com o pai: o irmão. Vivendo sós, na miséria, podendo contar única e exclusivamente um com outro, os irmãos parecem constituir uma família em que a hierarquia houvera dado lugar ao fraterno. Mas essa impressão se desfaz diante das imprecisões dos contornos que o narrador e seu irmão vão assumindo.

A procura pelo pai, sempre envolvido na guerra, é deflagrada pelo estado de saúde do irmão do narrador. A despeito da omissão e ausência com que tratara os filhos até então, o pai apresenta-se como única saída e, por isso, segue o protagonista para o acampamento militar, onde acaba por ser incorporado a uma instituição militar como soldado. Violentado em sua natureza anti-institucional, só resta ao protagonista a deserção: assume sua condição de desterrado, tenta desfigurar-se e foge. Todavia, a lembrança do irmão, que havia permanecido no acampamento, prende-o ainda, pois, enquanto elo familiar, propicia-lhe, mesmo que debilmente, uma via de identificação. Não resiste e, arriscando-se, retorna ao campo militar que abandonara para reencontrar o irmão transfigurado em mulher. Testemunha, na transformação radical do corpo, a dissolução quase completa da identidade daquele que amava. Atordoado, o narrador dirige-se ao pai quando o avista:

... eu ia fazer agora o que já pensara desde o início e me inclinei um pouco até chegar a três palmos da cara do meu pai que estava bem velho bem enrugado bem acabado e expulsei uma cusparada que foi justo no seu olho esquerdo que não sabia se abria ou fechava (...).

Afastei o olhar de cima do velho para sempre. (...) Olhei para trás e notei que a colina escondia para sempre meu pai de mim. Repeti algumas vezes, *para sempre*, como se entoasse uma jaculatória pagã (...). Eu era um homem filho dali, daquelas terras que nunca

conhecera de fato, mas que desde cedo aprendera a odiar de graça, sim, em noites maldormidas costumava me engasgar de tanta saudade que me vinha de uma outra terra que só vi numa foto uma vez na mão do meu pai (...).

Então eu não gostava do lugar onde nascera nem queria saber de ninguém que ali vivia. Agora eu me debruçava para apreciar a vista de um vale lá embaixo e pensei que não havia solução, eu não tinha outras terras me esperando em outros mares nada, eu não deveria mesmo sair por aí à procura de outra região que me acolhesse e me desse algum sustento, eu não deveria escarafunchar isso por aí porque na certa não encontraria... (NOLL, 1997, p. 614 e 615).

A rejeição definitiva da figura paterna e a recusa de manter qualquer vínculo com a terra de quem se sabia filho revelam como desterro e orfandade confundem-se enquanto negação intransigente de origens fundacionais, apresentadas que são como verdadeiras fantasmagorias. O reconhecimento sem reservas da condição órfã implacavelmente leva ao isolamento radical e à incomunicabilidade que caracterizam fortemente as personagens de João Gilberto Noll. Tais aspectos reunidos fazem de Porto Alegre a negativa de Veneza, da mesma maneira que esses viajantes são em grande medida o avesso do mercador veneziano: um Marco Polo em negativo.

Embora se possa reconhecer um traço obsessivo na criação literária de Noll (o sujeito itinerante, desenraizado e sem nome parece ser quase uma tônica obrigatória de sua obra), em romances posteriores aos estudados até aqui, esses sujeitos em trânsito não apenas terão nome, mas sua viagem estará diretamente vinculada à atividade profissional a que se dedicam. Numa clara assimilação de elementos autobiográficos, *Berkeley em Bellagio* e *Lorde*, respectivamente de 2002 e 2004, terão como protagonistas escritores-viajantes brasileiros convidados a irem aos centros econômicos e culturais do mundo ocidental.

## UMA ALTERNATIVA

O estranhamento não poderia ser maior diante da dedicatória que abre o livro *Berkeley em Bellagio* de 2002: após experiências radicais de desenraizamento e da negativa enfática da cidade natal como porto onde o viajante poderia encontrar acolhida ao fim da viagem, surpreende que João Gilberto Noll dedique um livro a Porto Alegre<sup>6</sup>. As duas frases escolhidas para epígrafe, retiradas de obra de Fabrício Carpinejar, seguem o mesmo caminho: “Ainda que não me lembre, legarei memória” e “A morada em que nasci me habita”.

Parece que o autor coloca o seu leitor frente a frente a uma premissa reiteradas vezes desmentida e a origem aniquilada surge como parte da viagem. A bagagem antes inexistente agora ressurgiu como a memória que faz Porto Alegre a cidade sempre presente. Se narrar era o exercício de paradoxalmente comprovar a sua própria impossibilidade já que o trânsito permanente constituía a impossibilidade de haver histórias a serem contadas, quando a memória é legado, a narrativa passa a encerrar significados outros que não o seu inexorável esvaziamento. A mudança de rumos em relação à ficção anterior que se opera nesse sentido vai ser ratificada quando o protagonista é identificado: dessa vez, há um nome, profissão e vínculos profissionais definidos. João, escritor, professor.

Talvez o título escolhido para o livro possa parecer destoante da tendência assinalada pela dedicatória e a epígrafe. A convergência inusitada de duas cidades estrangeiras não deteria, a princípio, nenhuma relação com a capital gaúcha, origem da personagem e, em um óbvio cruzamento biográfico, do próprio Noll<sup>7</sup>. *Berkeley em Bellagio*: a cidade americana na cidade italiana.

Não é possível ignorar a ambigüidade que, contudo, encerra o título: Berkeley, o filósofo irlandês do século XVIII ou a cidade

americana? Ou ambos? Diante disso, é imprescindível considerar-se a publicação em 1720 do poema de autoria do pensador setecentista cujo título, “Para o Ocidente o curso do império toma o seu rumo”, tornou-se lema popular entre os pioneiros norte-americanos rumo ao oeste. Afigura-se, portanto, bastante plausível a homenagem feita ao batizar-se uma cidade na Califórnia com o seu nome. De um modo ou de outro, sobressai em *Berkeley em Bellagio* um processo de fusão das cidades pelas quais o protagonista passara e que expõe a subversão das fronteiras espaciais e o desejo de tornar indistintos cidades e países. A cidade, todavia, estava no homem e havia sido ele que a carregara para além das fronteiras geográficas e permitira a sobreposição de espaços: “Eu era Berkeley em Bellagio, o bispo e o filósofo irlandês em retiro pisando em folhas secas...” (NOLL, 2002, p.35) – no corpo opera-se a internacionalização definitiva.

A mistura de línguas e geografias é, portanto, uma questão de primeira ordem no livro de Noll e acompanha todo o trajeto do escritor-viajante ao longo de sua narrativa. No início, ainda em Berkeley, o escritor não consegue falar em inglês e se apega ao português como um referencial; ainda assim, reconhece que domina apenas precariamente sua língua nativa e a comunicação parece ser sempre um processo difícil e incompleto. O veto a uma comunicação plena vem atrelado, contudo, a uma falha da memória atribuída a uma queda que o protagonista teria sofrido. Assim memória, língua e cidade vêm e vão como peças interligadas no jogo de identificação do escritor-viajante que busca em terras estrangeiras as oportunidades inexistentes entre os “seus”. A diferença vital entre a Califórnia e o país que deixara ao sul do continente seria justamente a oportunidade de trabalho e de qualquer coisa que “lhe restituísse a prática do convívio em volta de uma refeição, sob um endereço seguro...” (Idem, p. 10). Parte, portanto, para garantir a sobrevivência que a pátria, longe de ser mãe gentil, mostra-se incapaz de assegurar.

Contudo, a esse filho desterrado, escritor da língua materna, caberia estranhamente ensinar cultura brasileira a estrangeiros.

...levando recortes de jornais comentando meu período como escritor-residente em Berkeley, agora como futuro professor convidado, dando cursos sobre Clarice, Graciliano, Raduan, Caio, Mirisola e alguns outros, mais alguns cursos sobre MPB, quando ele cantava, ele que gostava de cantar desde pequeno, cantava sobretudo bossa nova e tropicália como um emissário de pérolas que os alunos americanos pareciam receber com a efusão conveniente às melhores notas – para depois de formados poderem operar as mais produtivas relações internacionais para o país deles controlar melhor os cosmos<sup>8</sup>. (Idem, p. 14).

Professor convidado: em vez da pátria sem oportunidades, o trabalho e o reconhecimento possíveis apenas no “centro” do mundo. O seu conhecimento, todavia, é mercadoria contrabandeada que sustenta uma política internacional que confirma a condição periférica de sua origem. Uma origem que, aliás, talvez nunca tenha existido exceto em sua imaginação. As histórias, o cinema, a comunicação de massa teriam construído uma imagem de país a qual talvez tivesse sido o único fato existente. Haveria existência fora das construções literárias e midiáticas? Uma grande “comunidade imaginada”<sup>9</sup> vendida como ilusão de verdade fácil, existente desde sempre. De qualquer modo, sabia que aquela pátria, imaginada ou não, era o lugar do incerto, da miséria a que parecia condenada parte tão expressiva do globo: “Mais uma vez perguntava a si mesmo se voltando a seu país teria teto, emprego, as famigeradas refeições ou aquela mulher para acompanhá-lo na desdita” (Idem, p. 9).

Profissional da palavra, o que ainda lhe restava era a língua que capengamente ainda o ligava ao seu país. Por isso, agarra-se a ela em seu ofício de escritor, pois “temia se extraviar de sua própria língua sem ter por conseqüência o que contar” (Idem, p. 20). Se ainda haveria alguma chance de narrar, ela estaria na língua que carregava em si, a sua morada primordial, a sua cidade natal. Logo, quando falha a tão preciosa memória que havia conduzido com inigualável maestria as palavras ditadas por Marco

Polo ao companheiro de cela ou proferidas solenemente frente ao Grande Khan, a única fonte viável de significados e narrativas tem que ser repetida e exaustivamente revisitada: a cidade. “Ele só tinha mesmo o que olhar na sua Porto Alegre, nessa cidade por onde a cada caminhada costumava descobrir, por entre as ruas da história ainda incipiente, novos focos de resistência da memória, fosse como fosse a sua...” (Idem, p. 22)

Fora de Porto Alegre, só poderia haver, portanto, o esquecimento. Lançado a uma realidade babélica, tentando débil e desesperadamente agarrar-se a algo que não deixasse sua mente mergulhar no vazio completo, o escritor-viajante vive o drama da incomunicabilidade e do isolamento quase inevitáveis. Assim, a mundialização não teria representado a troca efetiva dos povos, muito menos uma aproximação definitiva, afinal “que mundialização é essa que não arruma um jeito de acabar com as línguas em troca de uma comunicação imediata, sem intermediação fonética, ou seja, pura expressão virtual?” (Idem, p. 26). As nações e suas fronteiras, de uma forma ou de outra, subsistem nas barreiras lingüísticas.

Em Bellagio, o inglês permanece deveras rudimentar. João, no entanto, exercita um francês fluente naquele pedaço de terra da Itália em que a língua predominantemente falada era o inglês, não o italiano. Seus problemas para integrar-se continuavam, porque ali não se falava francês, não se falava português. Não interessava que estava na Itália, a língua corrente era o inglês e a integração sonhada pelo idioma comum que permitiria a construção de uma comunidade internacional não sobreviveria ao caráter hegemônico da língua que expressava uma relação internacional de dominação. Daí a língua inglesa não surgir no romance como a saída para a incomunicabilidade ou o exílio, pois a troca e a comunhão tão benditas e desejadas prosseguiram quimeras cantadas em discursos bonitos em defesa de uma globalização cada vez mais desigual<sup>10</sup>.

A resistência esboçada pela personagem em assimilar o idioma hegemônico termina, entretanto, por desabar, fazer-se em pedaços. Rende-se:

Confesso que no meu primeiro pensamento aceitei essa condenação de dominar apenas uma nova e mais do que poderosa língua, não nego. Dias tranquilos com Edwin no Bronx, embarcando todas as tardes no subway pra pegar um filme europeu ou brasileiro, iraniano talvez, claro, todos legendados –, pagar os tickets com os proventos do meu trabalho traduzido para o inglês, o russo, o japonês, já me sentia no circuito globalizado da ficção impressa em páginas de papel. (Idem, p. 56)

A entrega ao inglês equivale ao mergulho no circuito globalizado em que as línguas se sucedem e desaparece o português. Sem a língua materna, sem a memória, a premência do retorno ao Brasil surge como consequência imediata, na ânsia de algo palpável que pudesse restituir os fios do que se perdeu no esquecimento, para que escrever ainda fosse possível.

Ironicamente, então, ao voltar para o Brasil, o escritor-viajante consegue falar e pensar apenas em inglês. O português retorna lento e, com enorme dificuldade, o protagonista busca articular novamente o seu idioma natal. Viaja num avião repleto de refugiados e confunde-se a eles, estrangeiro que se tornou em sua própria terra. Na realidade, percebe-se estrangeiro em qualquer lugar. Parece não haver diferença se está fora do Brasil ou não, cá ou lá, condenado à sua condição de exilado num mundo sem as crenças firmes da nacionalidade.

A Porto Alegre que o recém-chegado encontra parece ser o espaço privilegiado para refugiados como ele próprio. Todavia, por conta do lapso de memória que sofre, ao tocar em solo gaúcho, o viajante sente terrível dificuldade de se localizar. A angustiante sensação inicial de que se perderá naquela cidade vai sendo, porém, progressivamente superada, e se Porto Alegre não é mais aquela de sua infância, porque não pode mais ser, ela é a cidade cujas fronteiras se expandem para ser lugar de todos e, portanto, espaço plenamente mundializado.

A Porto Alegre do Fórum Social Mundial deixa de ser a expressão de uma localidade impossível para o escritor e passa a ser uma opção real de pouso. A cidade natal para a qual se pode voltar internacionalizou-se sem abrir mão, porém, de uma memória que justificasse ainda o adjetivo de natal. Essa mesma cidade tornou-se grito a favor de uma integração mais igual dos povos, uma esperança de resposta e revolta contra a permanência de formas de dominação e polarizações que sustentariam a desigualdade. Quer-se, portanto, fazer da terra em que se nasceu lugar de melhor acolhida, de oportunidades para uma vida digna, misto de espaço aberto ao mundo e de uma história local, para enfim ser o porto em que poderá descansar o indivíduo há tempos aprisionado em um eterno deslocamento, em uma viagem sem chegada. Porto Alegre se coloca assim como a Veneza possível para o escritor-viajante. Não igual àquela para a qual retorna Marco Polo, plena de significados, mas uma Veneza possível.

Contudo, se a Veneza plena exige o pai, a Porto Alegre do romance de Noll traz um novo horizonte: relacionamentos afetivos que, sem atender ao modelo tradicional de família burguesa, seriam a chave para a interrupção do trânsito compulsório de modo que a capital gaúcha passasse mesmo à condição de porto. No lugar das relações casuais e fugazes tão condicionadas às circunstâncias, propõe-se uma vinculação afetiva real realizada na união homossexual que inclui a paternidade fora do modelo sustentado sobre a figura imponente do pai à cabeceira da mesa. A família não se sustentaria no poder opressivo da mão forte e centralizadora que exige a todo custo totalidades e certezas definitivamente perdidas. O pai que se permite não é mais a fantasmagoria que assombra, mas a presença suave de uma lembrança. À negativa veemente de pertencimento apresenta-se uma alternativa que não nega o local, não abraça a globalização fingidamente democrática, mas também não busca o nacionalismo estreito sobre o qual se firma um discurso muitas vezes excludente e violento.



Essa mudança de caminho que *Berkeley em Bellagio* representou na produção majoritária de João Gilberto Noll até 2002 tem a ver em grande parte com o momento específico vivido pelo Brasil quando da publicação do livro. A atmosfera claramente mais otimista quanto aos rumos do país e, em certa medida, também quanto às relações centro/periferia (afinal, Davos passara a ter um contraponto)<sup>11</sup>, teve o seu papel na perspectiva apresentada no romance assim como no resgate de Porto Alegre pelo personagem/autor<sup>12</sup>.

A Veneza possível é a cidade do mundo, dos refugiados, das línguas diversas, e somente ela em tempos de exílio poderia servir como “terra natal” ao escritor-viajante.

#### A ESCRITA NO CORPO

Contexto muito diferente acolheu a produção do último romance publicado por João Gilberto Noll. *Lorde* surge em meio a um sentimento geral de frustração, em que Porto Alegre deixa de ser a sede privilegiada do Fórum Social Mundial ao mesmo tempo em que este parece desbotar a olhos vistos, cada vez mais distante do vigor de suas bandeiras iniciais. As promessas efusivas de mudança que as eleições de 2002 trouxeram deram lugar à desesperança e ao ceticismo. O Brasil cínico de 2004 colocou por terra a iniciativa de *Berkeley em Bellagio* para deixar o leitor novamente face a face com um escritor brasileiro em viagem. Dessa vez, contudo, não existem venezas, nem melhores nem piores.

Em outras palavras, se no romance de 2002 a saída do intelectual latino-americano para o “centro do mundo” (eixo Estados Unidos – Europa) culmina com o retorno à sua cidade natal (porque a Porto Alegre mundializada passara a ser um lugar viável para esse sujeito sem raízes), em *Lorde* a possibilidade de resgate

por um caminho alternativo das relações com a terra e com a família parece ter fracassado definitivamente.

A epígrafe no livro de 2004 faz, à maneira do romance anterior, as honras da casa. Transcrito no original em inglês, sem tradução, um fragmento de *London Orbital*, de Iain Sinclair: “O interior secreto dessas fortalezas pós-humanas pede por conspiração, atos de transgressão sexual. Operações ilícitas entre negociantes”<sup>13</sup>.

*London orbital*, publicado em 2002, deve seu título à estrada conhecida pelo mesmo nome, na realidade, a M25 construída entre 1975 e 1985 em torno da cidade de Londres. Chamada de “Estrada para o inferno” (Road to Hell), a rodovia convive com a periferia da cidade, hospitais, campos de golfe, indústrias e hospícios. Sinclair percorreu as 127 milhas da M25 a pé e dessas suas andanças surgiu *London orbital*.

As fortalezas da epígrafe são construções arquitetônicas refratárias cujo interior é o espaço escuso protegido. O isolamento que a edificação propiciaria seria a garantia tanto de seu caráter pós-humano como da natureza ilícita dos acontecimentos confinados entre suas paredes. Constatação feita pelo olhar do andarilho, as fortalezas são a própria expressão da solidão na caminhada pelo entorno da metrópole. Aqui reside o ponto de identificação crucial entre Noll e Sinclair: novamente o trânsito compulsivo de um sujeito reduzido a seu corpo.

Como escritor convidado<sup>14</sup>, o protagonista de *Lorde* chega a Londres e sente-se completamente perdido. Explicita, logo no início, que aceitou mecanicamente o convite e desse modo escancara a perspectiva zerada a que se condenou: “...teria apenas de trocar minha solidão de Porto Alegre pela de Londres” (NOLL, 2004, p. 10).

O isolamento traduz-se inevitavelmente em incomunicabilidade e o encontro de representantes de diferentes culturas, oriundos

de diferentes lugares, não se caracterizaria pelo entusiasmo loquaz de quem tem muito o que contar. Pelo contrário, o encontro é a sombria constatação de que os corpos existem no mais puro confinamento de sua epiderme: “Um inglês e um brasileiro tendo tanto o que comentar a princípio sobre a estada imediata de um deles naquela imensa cidade, mas ali, agora, sentíamos apenas o movimento mal e mal discernível de dois corpos a viver, só, sem sobressaltos” (Idem, p. 13).

Não demora muito, após instalado, o protagonista seguir pelas ruas sem destino, perdido, vivendo a mentira da sua existência de forma dolorosa. Usa maquiagem comprada em uma loja qualquer por que passara, e o rosto artificialmente composto sugere a tentativa de uma máscara que encubra a face, na verdade, ausente. Adoece e a doença mostra-se rito de uma transformação exibida no corpo que, largado sobre a cama, experimenta a mais hedionda decrepitude e, aos olhos de leitores-testemunhas, a substância do homem à deriva liquefaz-se.

Mas... “Naquela cama eu como que nascia de novo. Que não me perguntassem pelo passado, por outras nacionalidades, por nada mais.” (Idem, p. 74)

A decomposição do corpo doente revela-se, na realidade, um processo gradual de transformação que vai levar à completa substituição de um corpo pelo outro. A alteração física cheia de implicações metafóricas no romance incluirá as secreções em todo o seu significado: excrementos, vômitos, sêmen... Evidências biológicas de uma existência serão o atestado mesmo de sua “transmutação”. Desse modo, o escritor-viajante brasileiro trilha o caminho que o conduzirá a ser um outro.

Não é à toa, por conseguinte, que refuta contundentemente e quase de forma desesperada qualquer chance de retorno ao Brasil. Mostra-se capaz de tudo para permanecer em Londres, pensa em quem sabe acabar se naturalizando cidadão inglês. Para dar andamento à tão desejada transformação iniciada na degeneração

do corpo, cria fantasias em que apresenta, por exemplo, Liverpool como sua cidade natal. Inventa uma história para si, para se fazer definitivamente inglês. Chamado a dar aulas de português, louva seu auto-exílio na mesma medida em que vê na língua materna a oportunidade de sobrevivência em Londres.

Pode parecer, a essa altura, que a capital inglesa esteja sendo representada em *Lorde* como refúgio perfeito e ardentemente desejado; todavia, essa Londres convidativa também encerra o medo relacionado a um mundo militarizado em que o terrorismo internacional é uma ameaça quase permanente. De qualquer maneira, sua natureza internacional e o fato de ser verdadeira antítese dos trópicos fazem-na uma opção melhor que Porto Alegre, talvez porque no final das contas qualquer lugar fosse melhor que a cidade onde nascera.

A transformação que vinha se processando no filho desterrado, escravo do desejo premente de se desligar por completo da terra em que vivera e onde acreditava não ter mais nada a fazer, é selada. Um homem tatuado no braço, George, surge como, a princípio, o par amoroso que consolida o sentimento de pertencimento que a todo custo o escritor buscava construir. Uma conversa no bar havia sido suficiente para o protagonista concluir que “Eu tinha encontrado, a cidade, o meu lar, o meu homem...” (Idem, p. 106). Tudo parece simples e resolvido: não seria mais brasileiro, encontrara o seu lugar bem longe de nossas plagas. Mas a simplicidade é apenas aparente.

Após o encontro erótico entre os dois corpos masculinos, o protagonista adormece e, quando desperta, vê-se mergulhado em um mundo branco, opaco, onde tudo parecia encoberto por espécie de neblina que obliterava a visão. Procura seu amante e percebe-se só. Nu diante do espelho, reconhece no seu braço a marca que na escrita no corpo identificaria George: a tatuagem.

A primeira coisa que vi foi o sol rodeado de raios tatuado no meu braço. Abaixei a cabeça para não surpreender o resto. Murmurei: Mas era no meu braço esse sol ou no de George? O espelho

confirmava, não adiantava adiar as coisas com indagações. Tudo já fora respondido. Eu não era quem eu pensava. Em consequência, George não tinha fugido, estava aqui. Pois é, no espelho apenas um: ele. (Idem, p. 109)

O espelho dá o veredicto: há apenas George. A inscrição na epiderme faz do corpo a carteira de identidade que ergue a voz para anunciar aquele que se julgava vindo de um país da América do Sul agora como um inglês. O corpo está ali como evidência eloqüente<sup>15</sup>.

Assim sendo, o intelectual latino-americano convidado para ir ao exterior (o que seria a princípio “honra” inegável) perde-se “lá” certo de não ter mais qualquer desejo de volta. Seu corpo, transmutado, sua última habitação, resíduo de identidade, parece ser agora definitivamente outro.

A junção da cultura inglesa/brasileira não constrói um híbrido que representaria uma nova relação cultural; na realidade, representa o fracasso de uma relação entre culturas pretensamente equivalentes quanto à valoração dada a elas. E o encontro resulta em desencontro na medida em que estabelece a desconstrução dos parâmetros identitários ao mesmo tempo em que não permite o estabelecimento de quaisquer outros capazes de erigir balizas viáveis para o indivíduo. Se a defesa de um mundo sem fronteiras se reveste da salutar defesa das diferenças, é mister considerar o quanto de realidade há nisso tudo. Quando Stuart Hall<sup>16</sup>, ele mesmo representante de uma voz periférica que alcança expressão em um grande centro mundial, trata a situação do intelectual exilado, destaca a riqueza das trocas culturais que fariam do estrangeiro o indivíduo traduzido:

Pois há uma outra possibilidade: a da Tradução. Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas têm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente

serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades (HALL, 1999, p. 88).

Há, contudo, de se considerar que tal processo de Tradução implicaria um encontro de culturas sem a interferência de diferenças hierarquicamente estabelecidas, em que o prestígio de uma cultura permitisse algum grau de supremacia sobre a outra. Em *Lorde*, esse encontro é visto com desconfiança já que a mobilidade resulta em nulidade, pois o corpo do viajante transmuta-se no seu par inglês com o conseqüente desaparecimento do brasileiro. A assimilação negada por Hall nesse processo ocorre em *Lorde* denunciando o fracasso da tão desejada Tradução das culturas, talvez em decorrência de o contato entre os diferentes povos encerrar em grande escala a prevalência de uns sobre os outros, a desigualdade latente, a hegemonia econômica e cultural dos centros de poder que não se dissolveram enquanto tais. A globalização como o fim de uma relação pautada na dicotomia centro/periferia<sup>17</sup> por ora não passa de uma louvável aspiração e enquanto assim for o intelectual/escritor brasileiro viverá a problemática de sua língua, de sua condição “periférica”. Como se posicionar frente a isso talvez seja a grande pergunta a se fazer.

ABSTRACT: The reading of João Gilberto Noll's recent work offers the possibility of thinking about the place occupied by a Latin-American writer-traveler in literature in times of globalization. From a character without name in continuous transit to the prize writer who, thanks to an invitation, travels to big economic and cultural centers of Western, Noll's narrative has circulated among questions like the constitution of national boundaries, the center/periphery polarization, the identity and the feeling of belonging in contemporary context. Thus, the Brazilian writer-traveler's figure, in an evident intertanglement of biography and fiction, allows mapping out the problem of a national literary production in an international community where the equivalency of cultures often subsists only in discourse.

KEYWORDS: narration, travel, national identity, Brazilian Literature

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BHABHA, Homi K. *Nation and narration*. London: New York: Routledge, 1990.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1997.
- CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto. [et al.]. *Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HOBBSBAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSBAWN, Eric & RANGER, Terence (org.) *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cavalcante. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra. p. 9-23.
- NEVES, Margarida de Souza. Da maloca do Tietê ao império do mato virgem. Mário de Andrade: roteiros e descobrimentos. In: CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.) *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

- NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- NOLL, João Gilberto. *Romances e contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Berkeley em Bellagio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Lorde*. São Paulo: Francis, 2004.
- SANTIAGO, Silviano. Atração do mundo. In: *Gragoatá*, Niterói, n. 1, p. 31-54, 2. Sem. 1996.

## NOTAS

<sup>1</sup> “Atração do mundo” é o título também de um interessante texto do crítico Silviano Santiago publicado na revista *Gragoatá* (cf. bibliografia) que trata precisamente do ponto-de-vista do intelectual brasileiro frente ao “mundo” (daí a referência a Nabuco).

<sup>2</sup> O texto ao qual se refere foi publicado no Brasil nas *Obras escolhidas* do autor sob o título “O narrador” (BENJAMIN, 1994.).

<sup>3</sup> Conferir: Polo, Marco. *O livro das maravilhas*. Trad. Elói Braga Júnior. Porto Alegre: L&PM, 1999.

<sup>4</sup> As cidades tornar-se-iam opacas, resistentes ao olhar, como afirma Nelson Brissac: “As cidades, mais do que qualquer outra paisagem, tornaram-se opacas ao olhar. Resistem a quem pretenda explorá-las. Uma simples panorâmica não dá mais conta de seus relevos, (...) Sob a ditadura da visão imediata, o olhar perdeu sua abrangência panorâmica.” (PEIXOTO, 1992, p. 309)

<sup>5</sup> Nas palavras de Augé: “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar.” (p. 73)

<sup>6</sup> Ao lado de uma produção ficcional que gira em torno do deslocamento compulsivo e o esvaziamento das origens, há o posicionamento do pró-

prio autor a respeito de sua relação com Porto Alegre em entrevista concedida a Regina Zilbermann, Carlos Urbim e Tabajara Ruas, publicada em *Autores Gaúchos* em 1990: “A minha relação de amor e ódio é muito forte, difícil. Isso tem a ver com o fato de talvez identificar Porto Alegre com a infância. (...) Preferia estar longe dessas raízes primeiras que, às vezes, são feridas muito expostas. É preciso voltar a olhar, estar em paz. Há uma certa compulsão para fugir daqui. É uma coisa muito pessoal, uma relação que só eu sei.”

<sup>7</sup> Efetivamente, João Gilberto Noll em 1997 fora convidado para lecionar Literatura Brasileira no Campus de Berkeley da Universidade da Califórnia, EUA. Em 2002 recebeu Prêmio da Fundação Guggenheim e publicou *Berkeley em Bellagio*.

<sup>8</sup> O pronome “ele” nessa citação refere-se ao protagonista da narrativa. Note-se que o foco narrativo em terceira pessoa evidente no trecho permanece apenas até certo ponto do livro quando, inesperadamente, passa-se à primeira pessoa, situação que perdurará, então, até o fim do romance.

<sup>9</sup> A expressão empregada é alusão ao famoso estudo de Benedict Anderson que no Brasil foi publicado sob o título *Nação e consciência nacional*.

<sup>10</sup> Há uma referência necessária e enriquecedora no que diz respeito à discussão sobre o encontro de culturas e línguas: *Um filme falado* (2003), de Manoel de Oliveira, problematiza no cinema esse encontro para evidenciar a situação especialmente desfavorável da Língua Portuguesa no mundo (um mundo que comporta, não esqueçamos, a União Européia). Na babel, há ainda possível entendimento entre os falantes do inglês, italiano, francês e grego, mas o mesmo não se observa quando se trata do português.

<sup>11</sup> Compreende-se que há risco evidente de simplificação ao se trabalhar com a dicotomia centro/periferia. Entretanto, a proposta não é desconsiderar a complexidade das relações internacionais, mas frisar como ainda existem culturas hegemônicas que, apesar de sujeitas à influência de culturas outras, preservam prestígio e força que lhes garantem, muitas vezes, inegável supremacia.

<sup>12</sup> É preciso ressaltar a tensão expressa no contraponto personagem/autor, tendo em vista os numerosos cruzamentos entre a produção ficcional e o registro biográfico na obra de Noll. Em entrevista concedida em novembro de 2002 a Carlos Herculano Lopes do *Jornal Estado de Minas*, o autor afirmou: “Porto Alegre em *Berkeley em Bellagio*, no

entanto, não é mais a da minha infância. É a grande mãe que acolhe povos asilados vindos de terras distantes... Porto Alegre agora é o caminho para a expansão, não o do naufrágio de um retorno puro e simples. (...)

Viver em Porto Alegre hoje, para mim, é a pedida existencial... capital avançada de duas fronteiras...Diria que comecei aí a acreditar na sorte, ter confiabilidade quanto ao futuro, a me impregnar de uma certa esperança – na qual, me parece, nessa virada do ano, todo o país está a se banhar.”

<sup>13</sup> “The secret interiors of these post-human fortresses solicit conspiracy, acts of sexual transgression. Ilicit exchanges between dealers”.

<sup>14</sup> A referência autobiográfica é explícita: em 2004 Noll passou dois meses em Londres como escritor-residente no King’s College onde escreveu o romance *Lorde*.

<sup>15</sup> No cinema, são muitos os exemplos de filmes que apresentam a grafia inscrita no corpo enquanto parte da construção da existência do indivíduo e do registro da memória. Nesse sentido, não pode ser esquecido o belo *Livro de cabeceira* (*The pillow book*), de Peter Greenaway, lançado em 1996, em que a pele do amante se torna suporte definitivo da escrita num processo em que se entrecruzam grafismo, morte e sexo. *Amnésia* (*Memento*), de Christopher Nolan, exibido em 2000, é um interessante exemplo do corpo como espaço para preservação de uma memória fugidia, uma vez que as tatuagens espalhadas na pele do protagonista são o único elo de que se dispõe com um passado imediato.

<sup>16</sup> Jamaicano de nascimento, vai se notabilizar como um dos nomes mais importantes da escola de Birmingham e um dos teóricos mais prestigiados dos Estudos Culturais.

<sup>17</sup> Diversidade não implica o fim dos processos de dominação. Reconhecer a complexidade cultural do mundo contemporâneo é algo absolutamente necessário, o que não quer dizer, entretanto, que concentrações de blocos de poder se extinguíram de todo e, portanto, referências como centro e periferia sejam completamente inoperantes.